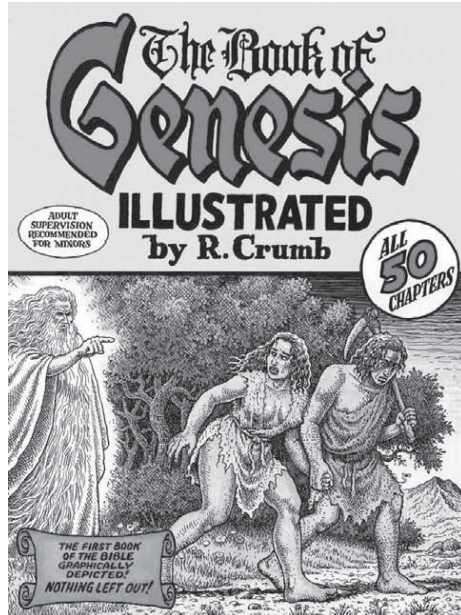


# À nossa imagem e semelhança: Crumb ilustra o Gênesis



**Julio Jeha**

Se escritores encontram incentivo nos cinco livros de Moisés para propagar a palavra do Deus de Abraão, pintores, escultores e gravadores se deparam com a interdição de representar qualquer coisa que exista no céu, na terra, ou nas águas. De John Milton a José Saramago, dos autores anônimos das peças medievais aos autores contemporâneos de rescritas pós-modernas, inúmeras pessoas recontaram a Queda e o Dilúvio, o sacrifício de Abraão e a venda de José por seus irmãos. Com o beneplácito e, muitas vezes, patrocínio da Igreja, artistas plásticos ignoraram a proibição imagética e criaram algumas das maiores obras figurativas da Europa até o século 19. Bernini, da Vinci, El Greco, Giotto, Michelangelo, Murillo e Raphael, entre outros, devem sua fama tanto ao próprio talento quanto ao material bíblico à sua disposição.

Robert Crumb se formou na tradição judaica, o que pode ser difícil de perceber, se levarmos em conta a sua obra dos anos 1960, quando desenhou ícones da contracultura, como o Gato Fritz e Mr. Natural. O gosto por mulheres opulentas e situações escatológicas aparentemente torna Crumb uma das escolhas mais improváveis para ilustrar qualquer dos livros da Bíblia. No entanto, ele dedicou quatro anos à tarefa de transpor o Gênesis para o formato de história de quadrinhos, seguindo de perto a tradução de Robert Alter (*The five books of Moses*, 2004). Crumb incluiu todos os 50 capítulos e, com nudez e sexo, deu visibilidade a alguns dos mitos fundadores do judaísmo e do cristianismo.

Para alguém que não acredita que a Bíblia é a palavra de Deus, Crumb foi tão respeitoso com o texto quanto os monges medievais, transcrevendo, verso a verso, o primeiro livro atribuído a Moisés. Ele pouco precisaria alterar, visto que Gênesis oferece uma pletora de exemplos do comportamento que ele gosta de ilustrar: a derrota contínua e deprimente que o ser humano sofre ao tentar controlar os seus desejos mais baixos e torpes.

As personagens, no traço característico do autor, são de uma carnalidade que as nos torna reconhecíveis. Eva é avantajada de busto e quadris, enquanto Adão é viril e bem proporcionado. Deus, bem, como representar o Criador do céu e da terra? Deveria ser uma luz no céu com balões de diálogo saindo dela? Segundo Crumb, Deus lhe apareceu em sonho, de relance mas claramente.<sup>1</sup> Para quem se lembra do filme *Os Dez Mandamentos*, não há erro: o Criador tem a cara, o cabelo, a barba e as vestes de Charlton Heston. Além da voz, é óbvio. Essa representação antropomórfica, de gosto conservador, desmonta a ideia de um ser sobrenatural e o revela criado à nossa imagem e semelhança.

Também as demais personagens e as circunstâncias em que se encontram, nos mil e quinhentos quadros do livro, são finamente desenhadas. A construção da arca por Noé e seus filhos vale por si só em termos artísticos. As páginas das genealogias são galerias de dezenas de tipos semitas cheios de vida. Um terror sobrenatural perturba o sono de Abraão quando Deus anuncia-lhe que a sua semente será dispersa por 400 anos. Mais importante talvez seja a representação dos sentimentos femininos, dando oportuni-

de às mulheres de se expressar, o que lhes é negado no texto bíblico. O rosto de Sara revela perplexidade ao ouvir seu marido Abraão propor ao faraó trocá-la por camelos e escravos, sentimento que logo dá lugar à mágoa, traduzida em uma lágrima que escorre despercebida.

A obra de Crumb pode satisfazer os conservadores, ainda que irrite os fundamentalistas, mas dificilmente agradará os fãs de histórias em quadrinhos, apesar das mulheres carnudas e do sexo desinibido. O problema com o material escolhido é, precisamente, o seu conteúdo. As repetições necessárias ao texto oral, as histórias que mais parecem novelas, os furos no roteiro e o caráter cruel e irascível do personagem principal podem causar repulsa ao leitor contemporâneo. Mas este Gênesis tem tudo para agradar quem se interessa pelo texto bíblico e gostaria de vê-lo transposto para imagens.

CRUMB, Robert. *Gênesis*. Rogério de Campos. São Paulo: Conrad, 2009. 216 p.

#### Referências:

1 ARNOLD, Andrew D. R. Crumb speaks. *Time*, Apr. 29, 2005. Disponível em: <<http://www.time.com/time/columnist/arnold/article/0,9565,1055105-2,00.html#ixzz0fpQJNh7c>>. Acessado em: 15 nov. 2010.

Julio Jeha é Professor Associado de literaturas em inglês na UFMG, tradutor e coordenador do Núcleo de Estudos de Crimes, Pecados e Monstruosidades na UFMG.

### Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • AIB • Aliança Francesa • Arquivo Público Mineiro • Art Vídeo • A&M+hardy • Berlitz • Biblioteca Pública Estad. Luiz de Bessa • Café com Letras • Casa do Baile • Celma Albuquerque Galeria de Arte • Centro de Cultura Belo Horizonte • Cultura Alemã • Desvio • Eh! Vídeo • FUMEC • Fundação Clóvis Salgado • Fundação de Educação Artística • Fundação Municipal de Cultura • Galpão Cine Horto • Grampo • Instituto Cervantes • Isabela Hendrix • João Caetano Cafés Especiais • Livrarias da Editora UFMG: Campus - Conservatório - Ouro Preto • Museu de Arte da Pampulha • Museu Inimá de Paula • Museu Mineiro • Quina Galeria • Rádio Inconfidência • Rede Minas • Secretaria de Estado de Cultura de MG • Teatro Dom Silvério • Teatro Francisco Nunes • Teatro Marília • UEMG • UFMG/ Escola de Arquitetura • UFMG/ Escola de Belas Artes • UFMG/ Letras • UFMG/ Fafich • UFMG/ Rádio Educativa • Usina das Letras Palácio das Artes • Usina